

BRASIL DE FATO

Uma visão popular do Brasil e do mundo

Brasil de Fato

“Nós vamos entrar em um período de turbulência política”



Valter Campanato/Abr e Mídia Ninja

Em entrevista durante o FSM, Boaventura Souza Santos fez uma análise dos novos partidos na Europa, falou sobre a ofensiva do imperialismo estadunidense na América Latina e sobre a conjuntura política brasileira; “O governo tem que saber de que lado está e não pode estar do lado de Kátia Abreu”, disse.

01/04/2015

Por Simone Freire e Luiz Carvalho

De Túnis (Tunísia)

É necessário romper com as lógicas do neoliberalismo para tentar superar a atual crise política, econômica e social internacional. Alternativas são possíveis e, embora estejam emergindo lentamente, já causam impactos. Esta

é a avaliação do sociólogo Boaventura Souza Santos, professor do Centro de Estudos Sociais, na Universidade de Coimbra (Portugal).

Nesta entrevista, realizada durante o Fórum Social Mundial (FSM) deste ano, em Túnis (Tunísia), ele falou sobre alternativas de poder que surgiram recentemente como o partido Syriza, na Grécia; e o Podemos, na Espanha. Para ele, as alternativas “não podem vir dos partidos tradicionais”, pois perderam suas ligações com suas bases.

A nova ofensiva do capitalismo na América Latina, o interesse em desestabilizar o Brics, bem como a necessidade de uma articulação internacional mais efetiva de movimentos sociais e uma reforma política no Brasil também foram avaliados pelo sociólogo na entrevista abaixo.

Começando pela Europa, o que podemos avaliar na atual conjuntura?

As políticas que dominam neste momento são típicas do neoliberalismo. O que estamos a assistir são cortes nas despesas públicas dos Estados, nas despesas sociais, educação, saúde, privatização da previdência social, redução dos salários, precarização do trabalho. Muito das características do mundo do trabalho que nós conhecíamos na América Latina, o trabalho sem carteira assinada, nós, neste momento, também encontramos na Europa.

No caso da Grécia, mais de 50% dos jovens até os 29 anos estão desempregados. Na Espanha, não será muito diferente dessa porcentagem. Portugal é menos, mas mesmo assim, o nível de desemprego é alto. Sobretudo a Europa do sul está mergulhada em uma profunda crise e não se vê qualquer alternativa neste momento, embora ela comece a surgir, mas muito lentamente, fundamentalmente na Grécia, com o partido Syriza, que ao ganhar as eleições ousou fazer algo que até agora era considerado impossível, que era por nas negociações a possibilidade de uma alternativa à austeridade e às políticas de contração das despesas públicas.

Os partidos, sejam da esquerda ou da direita, adotaram medidas do neoliberalismo. Os partidos socialistas estão totalmente desacreditados na Grécia e na Espanha, em Portugal nem tanto. E surgiram outras forças políticas que são um fenômeno novo que é um tipo novo de partido com uma articulação forte entre movimentos sociais e partidos. Isso é muito forte no Syriza e no Podemos, da Espanha, partido que acho que ganha as próximas eleições em dezembro deste ano.

No caso do Podemos, a formulação política é feita pelos movimentos sociais e por cidadãos que apoiam o Podemos, chamados ‘círculos de cidadãos’. Depois os círculos elegem as assembleias de cidadãos, que definem a agenda política do partido. É uma combinação entre democracia participativa e democracia representativa dentro do partido. O melhor remédio contra a corrupção das lideranças partidárias.

Penso que no final de 2015 nós teremos uma paisagem política diferente na Europa. Tudo é uma incógnita e, como digo, os sociólogos são bons para prever o passado, prever o futuro é sempre mais complicado.

O senhor citou novas formas de organização, mas ainda dentro de partidos. O que senhor acredita que seja possível alguma forma de organização que não seja da maneira tradicional, ou seja, com bandeiras e partidos?

Os partidos de maneira nenhuma vão, nas próximas décadas, ter um monopólio de representação política. A maioria das pessoas, sobretudo os jovens, não são membros de movimento sociais, de ongs, nem de partidos. Os partidos não souberam integrar esta juventude, burocratizaram-se demais e perderam suas ligações com suas bases. Portanto, o que estamos a ver, que vai haver uma intervenção política daquilo que eu chamo de “presenças coletivas”. Não são movimentos, não são partidos, são presenças coletivas nas ruas, são ações não institucionais.

Nós vamos entrar em um período de turbulência política em que vai haver muita ação dessas presenças coletivas, cuja orientação política é muito difícil de definir. A polarização social em termos de esquerda e direita é muito difícil de definir nestas presenças. Muitas delas são, obviamente, de esquerda, outras são, obviamente, de direita, e outras se recusam completamente a ser etiquetadas de direita ou de esquerda.

Isso implica em saber se estamos diante de manifestações espontâneas ou de espontaneidade manipulada. Acho que há das duas coisas e é muito difícil distinguir. Há espontaneidade em muitos protestos de pessoas que não foram integradas na cidadania e que acham que têm direito a melhor educação, serviços de saúde, a melhor transporte público, e genuinamente têm uma agenda que poderia continuar a identificar como de esquerda mesmo que se recusem a ser definidos assim.

Por outro lado, nós temos também, como na Venezuela, manifestações espontâneas que tem exatamente por objetivo derrubar os governos progressistas e tem um conteúdo de classe diferente, a classe alta. É muito claro perceber até pela cor de pele das pessoas que estão nas manifestações. Neste momento estas espontaneidades podem estar sendo manipuladas.

Eu tenho defendido, e temos prova disso, que estamos entrando em um período em que o imperialismo norte americano voltou ao continente. Isso não quer dizer que há uma teoria da conspiração e que é tudo produzido pelos Estados Unidos. Está interessado em desestabilizar e se infiltrar.

Quais os resultados da Primavera Árabe? Como enxerga a transição aqui na Tunísia?

Nós estamos no país [Tunísia] onde a primavera árabe talvez tenha tido mais êxito. Onde é que estão as continuidades? As continuidades são as que a gente vê hoje na democracia. A democracia esta esvaziada de políticas sociais. E o neoliberalismo esta conduzindo o desemprego e o declínio. Este é um país, onde mais de 50% dos jovens também estão desempregados. É um país onde a única indústria basicamente é o turismo. E com um atentado, como o que aconteceu recentemente, pode destruir durante um tempo o turismo.

É uma situação complicada porque a democracia traz liberdade, mas não traz emprego. Então eles dizem e dizem muito bem porque se cria uma frustração. O que aconteceu na Tunísia é muito importante para o mundo, portanto é muito importante que estejamos aqui.

Sobre o Fórum Social Mundial, você acredita que ele é hoje um instrumento efetivo, que trás ações e pode trazer resultados futuros?

O Fórum tomou a opção muito cedo de ser um ponto de reunião dos movimentos sociais que poderiam viajar a Porto Alegre. Tem uma limitação que foi não conseguir reunir aqueles que mais precisavam dele, que são as organizações e os movimentos menores que não tem o apoio das maiores organizações não-governamentais que financiam viagens. O que ele permitiu foi que os diferentes movimentos e organizações fossem se conhecendo e isso é uma vantagem que é inestimável.

Em segundo lugar, o FSM tomou desde o início a opção, polêmica, de não intervir diretamente com posições, com medidas e propostas concretas. Muitos de nós criticamos isso e eu fui dos que criticaram. O que se viu é que a certa altura o Fórum foi de desacreditando como uma fonte de alternativas para um mundo que está pior do que estava antes.

A grande oportunidade que o Fórum deu e que não se realizou é que é muito importante os camponeses não falem só com os camponeses, as mulheres não fazem só com o movimento de mulheres, os indígenas só com os indígenas, os direitos humanos só com os direitos humanos e os trabalhadores só com os trabalhadores. E [a participação mais ampla] foi uma conquista.

O que nós não conseguimos, e isso é o maior fracasso do Fórum, foram articulações sustentadas de movimentos entre diferentes tópicos. Conseguimos já articulações grandes como a Via Campesina, mas é questão dos camponeses.

O que nós temos que fazer cada vez mais é que as lutas de um movimento tem que ser partilhada por outros movimentos. Isso é que é o grande desafio.

Falando das alianças dos movimentos, quando se forma os Brics, por exemplo, você acredita que é necessário a construção de um bloco de movimentos que consiga acompanhar estas questões? E qual o papel que você acha que os Brics vai exercer efetivamente o mundo?

São duas questões diferentes, mas relacionadas. No que diz respeito a segunda, os Brics são uma proposta de governos. Não é dos movimentos sociais. É uma proposta de governos que são de desenvolvimento intermediário e com grande populações e que devido a estas características e, devido ao carácter excludente do neoliberalismo, procuraram criar uma alternativa dentro do capitalismo, aproveitando a dinâmica da China.

Os Brics são uma ameaça para o capitalismo central nos EUA. Eles não são uma alternativa socialista, mas são um deslocamento do eixo dinâmico do capitalismo que tem duas ameaças fundamentais para o capitalismo norte-americano. Primeiro que eles estão tentando se libertar da dominância do dólar como moeda internacional. São uma ameaça em termos financeiros sobretudo porque propõem a criação do banco dos Brics, alternativo ao banco mundial.

A segunda grande ameaça é que tem modelos de desenvolvimento que tem algumas características nacionalistas e que são completamente hostis ao neoliberalismo. O esforço deles [EUA] é de desestabilizar e impedir que estes países vão pra frente.

A outra pergunta, e que eu acho mais importante, é que se isso também não deveria corresponder aos movimentos sociais. E aqui é a grande dificuldade, porque nós nem sequer a nível de América Latina conseguimos isso. Eu penso que muito da força dos Brics deveria haver em uma articulação regional na América Latina a partir do Brasil com outros países. A tentativa da Alba, na Unasul, do Banco Sul, foram desestimulados. Essas eram lógicas onde os movimentos sociais estavam envolvidos. Situações de solidariedade que não se medem apenas pelos interesses das multinacionais ou mercado.

Nos movimentos sociais não temos tido uma dinâmica que permitisse dar um enfoque mais anticapitalista aos Brics. Acho que o mais provável é que o Brics comecem a perder força e cada um vá para o seu lado e não consigam essa união porque vão ser objeto de muita desestabilização por parte dos EUA.

No caso brasileiro, acredita os meios de comunicação são fundamentais para orquestrar esta desestabilização ou, pelo menos, para expandir esta insatisfação da população?

Não podemos colocar tudo na questão da mídia. Acho que temos uma acumulação de erros nestes últimos quinze anos. Em primeiro lugar eu penso que o PT não soube manter e preservar uma relação forte com os movimentos sociais.

Em segundo lugar não se fez uma reforma política. Acho que um partido que tem a maioria do voto popular e que depois tem que entrar em alianças com partidos que são completamente hostis ao programa do próprio partido cria uma confusão e paralisia que é chocante.

Em terceiro lugar, foi a questão da corrupção. O financiamento dos partidos estando nas mãos das grandes empresas. Você olha para os candidatos e elas financiaram praticamente todos. Isso cria um distanciamento em relação ao movimento popular, porque os partidos que são financiados por grandes empresas tem que pagar de alguma maneira, as empresas estão pelo negócio não por convicção política.

Por último acho que tem razão, a mídia foi uma das grandes fraquezas. Não se toca na mídia e na sua articulação com o capital financeiro. A ideia é que não se hostiliza a mídia porque não vão nos hostilizar. Portanto a Globo ganhou muito com a publicidade institucional do governo enquanto mídias alternativas, que precisavam de muito mais apoio, não tiveram. Neste momento negociar e regular vai ser muito necessário, mas vai ser muito mais difícil porque vai se partir de um momento de fraqueza dos governos.

Quanto mais urgente a necessidade de regulação mais difícil dela ganhar. É o mesmo com a reforma política. A situação brasileira é complicada e se misturarmos a dimensão externa com o imperialismo norte-americano as coisas vão ser turbulentas. Espero que haja uma solução progressista que tenha apoio dos movimentos sociais. Mas tem que ter contrapartidas. O governo tem que saber de que lado está e não pode estar do lado de Kátia Abreu se quer ter os movimentos ao seu lado. Os movimentos no Brasil são sofisticados e têm grandes líderes.